HOMOFOBIA E HOMOEROTISMO: O DISCURSO RELIGIOSO SOBRE LGBTS

HOMOPHOBIA AND HOMOEROTISM: THE RELIGIOUS DISCOURSE ABOUT LGBTS

Manoel Flavio Cheles Da Silva [1]
Camila Carneiro Dazzi [2]

Resumo: este artigo é fruto de uma Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC), custeada pela Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação (DIPPG) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Neste, temos o objetivo de aferir o modo como os LGBTs são acolhidos dentro de âmbitos religiosos, bem como, o modo como a sexualidade e o corpo, sobretudo, masculinos, são retratados numa perspectiva heterossexual, que segundo nossa hipótese tende a um homoerotismo escrachado. Como metodologia, usamos da análise do discurso nos parâmetros sugeridos por Michel Foucault e Michel Pêcheux, dentro de uma perspectiva humanística e, no caso do primeiro, sexual. Concluindo o artigo percebemos que uma questão retroalimentada em que aquele que é dissonante de um comportamento interno à uma cisheteronorma patriarcal é excluído por preconceito, fica sem poder de compra, e, logo, sem poder de reafirmação identitária, sendo diretamente cooptado para uma norma que despreza o seu corpo publicamente, mas o deseja de maneira privada.

Palavras-chave: discurso religioso; homofobia; homoerotismo; LGBT.

Abstract: this article is the result of a Scientific Initiation Research (PIBIC), funded by the Directorate of Research and Graduate Studies (DIPPG) of the Federal Center for Technological Education Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). In it, we aim to assess the way in which LGBTs are welcomed within religious environments, as well as the way in which sexuality and the body, especially male ones, are portrayed in a heterosexual perspective, which, according to our hypothesis, tends to an outright homoeroticism. As a methodology, we use discourse analysis in the parameters suggested by Michel Foucault and Michel Pêcheux, within a humanistic and, in the case of the first, sexual perspective. Concluding the article, we realize that a feedback issue in which someone who is dissonant from an internal behavior to a patriarchal cisheteronorm is excluded by prejudice, is left without purchasing power, and, therefore, without the power of identity reaffirmation, being directly co-opted to a norm that despises their body publicly, but desires it privately.

Keywords: religious speech; homophobia; homoeroticism; LGBT.

1 INTRODUÇÃO

Ao ponderar acerca de alguma religião, sob uma perspectiva de sexualidade e gênero dissonantes de um padrão instituído, somos levados a conceituar o espaço religioso como aquele que tende a excluir minorias e/ou tenta as encaixar em uma maioria. Isto é, consideramos que há um esforço por parte de algumas religiões, para que seus fiéis sejam homogeneizados de alguma forma, seja através de uma proposta de irmandade celestial, ou mesmo através de algum vínculo de iniciação, como o batismo. Nesse viés, é possível visualizar que, tal como em um maniqueísmo, certas religiões defendem um binarismo que extrapola o bem e o mal, indo do feminino e masculino, até o integrante e o desviante.

[1] Pesquisador bolsista (PIBIC) na área de Artivismos de Gênero, Graduando em Tecnologia em Gestão de Turismo, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ).

[2] Doutora em História e Crítica da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EBA/UFRJ; é Mestre em História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP e Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Empregando a consideração anterior, unicamente, é possível vislumbrar que as religiões tendem a um preconceito e exclusão daqueles que recusam seguir os seus dogmas. Entretanto, neste artigo, consideramos que, em realidade, há dentro das configurações religiosas, também, uma diversidade de interpretações do sagrado, coisa que pode facilitar, ou não, a inclusão de minorias. Em uma perspectiva exclusivamente LGBT, nos propusemos aqui a reunir algumas dissonâncias de ideologias religiosas cristãs, bem como, algumas interpretações que esbarram em um homoerotismo explícito.

Acerca das ideologias religiosas conflitantes, podemos, em caráter introdutório, afirmar que, dentre as religiões abordadas – catolicismo apostólico romano, pentecostalismo, neopentecostalismo -, há uma variedade de interpretações e de sobreposições de moral e ética que levam, inclusive, ao questionamento quanto à verossimilhança de outras proposições dentro de um mesmo viés religioso. Assim, exploramos que igrejas que acolhem LGBTs, são passíveis de serem visualizados como espaços impuros ou indignos. Tal exclusão potencial leva alguns a uma exclusão de minorias por questões que vão além do preconceito, chegando ao medo de represálias por parte de fundamentalistas de outras religiões, ou mesmo da sua. Visto isso, trazemos uma consideração discursiva de Pêcheux (1984), onde é traçado que, dentro dessa diferença de perspectivas religiosas, há um campo discursivo em que convergem enunciados, neste caso, de repressão às dissonâncias de gênero e sexualidade.

Nesse contexto de sexualidade dentro dos espaços religiosos, podemos nos indagar se eles são totalmente livres da sexualidade em seus escritos e representações do sagrado. Bem como, se isso se estende para algo homoerótico, ou seja, se deixa explícito, ou mesmo subentendido, alguma relação afetivo-sexual entre pessoas de mesmo gênero. Quando isolamos narrativas criadas por grandes artistas que ilustravam o que a Igreja Católica, pós renascimento, talvez em uma representação que beirava o neoclássico, tinham como leitura uma representação do corpo como idealizado e saudável, em contraposição com a representação maligna em copos doentes, cadavéricos e repugnantes. Já em uma perspectiva das escrituras sagradas do Cristianismo, é vista, em determinadas partes, uma sugestão a amores homoeróticos, que só são percebidos por quem na leitura de quem sente tal amor desviantes, algo que na contemporaneidade Tsai (2006) chama de *gay window advertising*.

Por mais ousada que pareça a nossa proposta, ressaltamos que o ponto principal de nosso artigo está na consideração primordial de Foucault em “História da Sexualidade I: Vontade de Saber”, onde ele questiona que a relação entre sociedade civil, Estado e clero (aqui incluímos todo o espectro religioso) se dá pelo sexo. Sendo esses "três poderes" permeados por um mesmo fator inato do ser humano, podemos nos questionar quanto a marginalização do sexo na contemporaneidade: de que corpos o erotismo é destituído e a quais ele é estratificado?

Ainda na perspectiva foucaultiana, por mais que tenhamos uma concepção engendrada que o sexo é algo oculto na nossa sociedade, que é aquilo que fica entre quatro paredes, vemos sexo todos os dias. Nas capas das revistas, nas novelas e filmes, nas músicas, nos outdoors; o sexo é vendido para quem o pode comprar, ele só e possível no corpo padronizado, quando não branco, extremamente sexualizado, resguardado a uma higiene anormal, onde gordura, pelos, manchas, deficiências e anamorfismos de sexo e gênero que fogem à uma cisheteronorma patriarcal. Assim, podemos ver que o sexo não se faz oculto na sociedade, mas ele é vendido como algo perverso para aqueles que a sociedade despreza, pois caso "não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças [enquanto, também, um sujeito sexual]; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo" (FOUCAULT, 1999, p.61).

Apesar da confluência do poder das religiões com o da mídia, da família e dos aparelhos estatais de regulação social, entendemos o discurso religioso como pautado em dinâmicas muito mais emocionais e culturais do que lógico-racionais (EMEDIATO; FRANCO, 2017). Na pesquisa para a redação deste artigo, fizemos uso da metodologia de análise do discurso, em caráter amplo e estratificado para o contexto religioso. Tal ato nos auxiliou a compreender esse sistema discursivo, tornando a narrativa, interna a ele, coesa a partir de uma perspectiva de pesquisadores do meio virtual e de aspectos intrínsecos aos discursos religiosos.

Nosso *paper*, permeia narrativas discursivas conflitantes entre crenças e homofobia, sem se ater ao que Foucault (2002) chama de "Vontade de Verdade", pois não temos como apurar o quão realistas são os enunciados, todavia temos como apurar sua significância para um interlocutor. Para Foucault (2002), se ater a uma busca incessante pela verdade presente nos discursos é algo fútil, visto que, essa "vontade de verdade que desde há muito tempo se nos impôs é tal, que a própria verdade – que a vontade de verdade quer – mascara a vontade de verdade" (FOUCAULT, 2002, p. 5), ou seja, quando buscamos a verdade no campo discursivo acabamos encontrando uma verdade que nos satisfaz e não uma verdade stricto senso.

Os discursos proferidos que serão tratados no decorrer deste artigo, bem como todos os outros discursos, não foram produzidos no vácuo, isto é, os discursos não são produções individuais, mas sim conjuntos de enunciados que são produzidos no decorrer de uma formação discursiva (PÊCHEUX, 1984). Mesmo a fala de um líder supremo, como o Papa, é perpassada por construções discursivas e enunciados formados pelo espaço-tempo em que ele está inserido. Não se deve, no entanto, ver ele com uma vítima dentro de um espaço discursivo, pois enquanto líder supremo de um grupo, ele pode se apropriar de discursos para difundir uma ritualização da fala que qualifica e fixa os papéis dos sujeitos que são permeados por suas enunciações (FOUCAULT, 2002).

A partir de uma análise do discurso mais categórica, podemos compreender que os

lugares de locutor e ouvinte são fluidos, e mesmo inexistentes em alguns casos. Isto é, quando nos referimos a quem está sujeito a uma enunciação, ponderamos também que a sua interação com o discurso não é passiva, pois a medida em que ele (o discurso) lhe atravessa, adquire novas propriedades discursivas. Dentro desse "parâmetro", podemos utilizar as literaturas de Orlandi (1987; 2000) para conceituar que a relação entre o lugar do locutor e do ouvinte, e suas trocas de papéis, constituem um espaço discursivo, baseado em uma "reversibilidade".

Entrando no campo discursivo religioso podemos visualizar, pela perspectiva de Pêcheux (1984) e Orlandi (2000), que o discurso carrega dentro de si o próprio enunciado que dá margem para diferentes interpretações, ou seja, ele é em suma contraditório. Aquilo que é visto como positivo ou negativo por quem é perpassado pelo discurso depende da sua construção individual na sociedade. Visto isso, trataremos aqui de assuntos que são vistos por alguns como normais, ou não dignos de preocupação, enquanto para outros é algo determinante para a sua vida e morte.

Ainda para Orlandi (1987), determinados tipos de discurso fogem à uma dinâmica básica, destes, destacamos aqui o "discurso polêmico" e o "discurso autoritário"; ambos são formas em que o discurso se conduz de um modo controlado, onde o locutor tem algum objetivo para além de seu enunciado – persuasão, coerção, irritação ou sensibilização. Em especial no discurso polêmico, há o uso da tomada do lugar do locutor com fim de afetar toda a dinâmica discursiva anterior, beirando um humor pela sua confluência com as quebras de expectativas. No entanto, quando nos referimos stricto sensu ao discurso autoritário, estamos falando em uma "morte" dos fundamentos básicos daquilo que chamamos de discurso. Isto pois, ao anular as possibilidades de trocas de papéis dentro de um discurso, ele localiza de modo irreversível os sujeitos dentro do espaço de locutor e de ouvinte.

Quando nos aprofundamos dentro de uma noção de discurso autoritário, percebemos que este cria mecanismos "perspicazes" para sua prorrogação, ou seja, quando pensamos em um discurso de via singular – onde uma das parte é assujeitada pela outra e não interfere ativamente no espaço discursivo –, estamos considerando um discurso no vácuo e um rompimento do discurso, pois ele se baseia primordialmente na interação; para que ele atinja o sujeito é necessário que tenha um mínimo de reversibilidade, onde possa vir a ter diferentes significados dependendo daquele que é atingido. Orlandi (1987) considera que, apesar dessa condição para a existência de um discurso, no discurso autoritário é criado um espaço sentimental de reversibilidade, assim, o sujeito crê ser capaz de interagir com o discurso, enquanto, em realidade, este o atravessa de forma monossêmica, mantendo as potências e significados que tivera na origem.

Dentro dessas relações simbólicas de falar-se pela voz de um Sujeito em uma posição hierárquica discursiva superior, a Palavra adquire um significado que se mistura ao próprio

significado divino. Assim, tal como a voz do juiz é interpretada como a voz da justiça, e a do político, a voz do povo; a voz do líder religioso é vista como a voz da própria divindade. A partir dessa significação, a linguagem é enquadrada, tal como o gênero, em um espaço de performatividade, ou seja, ela adquire um poder correlacionado com as ações, o que se diz/dissera é um fato, um mandamento e, sobretudo, é inquestionável; aos sujeitos (homens) cabe apenas os verbos: "respondem, pedem, agradecem, desculpam-se, exortam" (ORLANDI, 1987, p. 252), estes em função daquele que detém a Palavra.

Nos enviesando para aspectos da relação entre a religião e os LGBTs, que atuam como indivíduos disruptivos de padrões que mantêm discursos autoritários ativos, exploraremos no decorrer deste artigo, que os LGBTs adquiriram, nos últimos anos, uma grande relevância nos setores políticos, artísticos e sociais. Vemos desse modo que os discursos revolucionários, destes indivíduos, surgiram nas periferias onde a objetivação por parte da sociedade cria dispositivos que os possibilita vislumbrar possibilidades fora da narrativa dada, pois essa não satisfaz as suas necessidades de subsistência (BUTTURI JUNIOR; SOZO, 2013). Por mais que tal consideração abra margem para uma conceituação de que o indivíduo periférico controla o próprio discurso, Pechêux (1984), explicita que ocorre o contrário, assim, a insatisfação cria enunciados que juntos formam um discurso de conformidade com o meio proporcionado ou de insatisfação e necessidade de imposição.

A fim de compreender como diferentes discursos religiosos agem dentro de seus campos enunciativos, quando estão em justaposição aos LGBTs, nos baseamos nas literaturas de Pêcheux (1984); Orlandi (1987; 2000); Terra (2018); Butturi Junior e Sozo (2013); e, Emediato e Franco (2017); para de estratificar sequências discursivas religiosas (SDRs) as enquadrando em setores de discursos polêmicos (SDR1) e autoritários (SDR2); sob objetivo de compreender como se dá a relação destas para com as minorias sexuais e de gênero.

2 OS CRISTÃOS E A HOMOFOBIA SAGRADA

A relação dos LGBTs com as religiões cristãs - pentecostais, neopentecostais e católica apostólica romana -, se dá de forma muito complexa. Se tivermos em conta as lutas mais recentes desta comunidade é perceptível que juntamente com os movimentos por direitos básicos em *Stonewall* (1969), houve também as uniões dos LGBTs que estavam dentro do ambiente cristão estadunidense. César (2013) nos aponta, inclusive, que a primeira parada do orgulho LGBT em Nova York contou com uma organização desse grupo de cristãos LGBTs.

Um ano antes de ocorrer o primeiro *Stonewall Riots* (1969), já havia ocorrido uma mobilização, desses grupos cristãos, organizada pelo pastor Troy Perry, a fim de criar uma Igreja específica do movimento LGBT, em Los Angeles. Atualmente a *Metropolitan*

Community Churches (MCC), de viés pentecostal, está presente em trinta e sete países, sendo que em 2015, tinha oito unidades somente no Brasil (CÉSAR, 2013) - concentradas no eixo Rio-São Paulo.

Seguindo esses fatos, de modo inocente, poderíamos considerar que a Igreja, principalmente as protestantes, auxiliam e aceitam os LGBTs em seus recintos "sagrados", todavia não é isso que ocorre. Inclusive, dentro de uma primeira sequência de discurso religioso (SDR1), o Pastor Marco Feliciano (2016), afirmou em uma entrevista concedida a Felipe Neto que: "essas igrejas [as que aceitam a diversidade de gênero e sexualidade] que você chama de igrejas, nós [neopentecostais] não conseguimos ver como igrejas, são agremiações religiosas" (FELICIANO, 2016), assim rebaixando a igreja inclusiva a algo inferior, e se posicionando em um campo discursivo mais polêmico que autoritário.

De modo Geral, a *Metropolitan Community Church* não foi bem recebida pelas comunidades religiosas mais tradicionalistas. Ferreira (2014, P. 2) aponta que "durante a formação e ramificação da Igreja MCC ela sofre ataques como incêndios criminosos, a indiferença, violentos ultrajes". Vale ressaltar que, na atualidade, a *Metropolitan Community Church* não é mais uma igreja singular, e sim uma Fundação com milhares de membros ao redor do mundo. Esse movimento internacional, com raízes na MCC, possui Igrejas filiadas, administradas e apoiadas localmente, com estatutos e direções próprias, com propósito de atender as necessidades específicas da comunidade LGBT.

Apesar da *Metropolitan Community Church* e de outras igrejas inclusivas, César (2013) aponta que, na contemporaneidade, em especial nos Estados Unidos, há uma forte represália por parte das bases políticas conservadoras contra as 'Igrejas Inclusivas'. Um pastor da MCC, entrevistado pela autora declarou, numa SDR1 usando da propriedade do discurso polêmico para ter voz, que: "eles [os conservadores] continuam tentando limitar os direitos civis da comunidade LGBT e a pregar que a homossexualidade é um pecado" (CÉSAR, 2013, p. 1449).

As igrejas neopentecostais vão além de somente se opor, e tendo como pretexto o fato de que a homossexualidade e transgenereidade são pecados, algumas instituições usam seu poder persuasivo para, 'pelo poder da fé', transformar essas pessoas em heterossexuais e/ou cisgêneros. Aqueles que rejeitam essa abordagem ou lutam contra ela são acusados de propagar uma 'ideologia de gênero' com intuito principal de destruir a família tradicional.

Nesse viés, e agora analisando um dos maiores veículos de mídia católica brasileira, a Canção Nova[3] se baseia em dados dúbios para dissertar acerca do mal que a "ideologia de gênero" daqueles considerados "desviantes", contribui para a destruição dos núcleos

[3]A Comunidade Canção Nova é uma comunidade carismática católica, fundada por padre Jonas Abib e reconhecida pelo Pontifício Conselho para os Leigos como associação internacional privada de fiéis, dotada de personalidade jurídica (cfr. CIC, cân. 298-311; 321-329) e tem sua sede na cidade de Cachoeira Paulista (SP), Diocese de Lorena, São Paulo – Brasil.

familiares. Para Aquino, professor atuante na Canção Nova, e dentro de uma SDR2, que situa seu discurso como autoritário:

> o direito natural, desconstrói a pessoa, desnorteia a criança, destrói a família, o matrimônio e a maternidade; desse modo, fomenta um "estilo de vida" que incentiva todas as formas de experimentação sexual desde a mais tenra idade, inclusive a pedofilia e o incesto, defendidos sorrateiramente pela Simone Beauvoir e outras feministas (AQUINO, 2017, *online*).

Ou seja, para ele o absurdo da dita ideologia de gênero ultrapassa as regras divinas do casamento cis-hetero sexual, e o afronta. E isso não se mantém somente nas lideranças regionais do catolicismo. Apesar de estar se mostrando um líder católico muito progressista, o Pontífice, Francisco, tem falas que explicitam, ainda, uma dificuldade na aceitação de uma liberdade sexual, de gênero e de identidade (FRANCESCO, 2016). Neste viés, Butler (2019, tradução nossa), afirma que: "para o Papa, equidade de gênero e liberdade sexual, não são apenas demasiados, como também destrutivos – e até diabólicos" (BUTLER, 2019).

Entretanto, como pondera Vaggione (2016), a Igreja Católica vem adaptando o seu discurso e suas estratégias para alcançar públicos mais jovens. Tal abordagem, inclui um posicionamento humanitário mais incisivo, bem como uma aceitação maior, (re)construindo a imagem do Catolicismo como mais inclusiva e tolerante. Se destaca nesse processo de reformulação da religiosidade católica, a figura do Papa Francisco, cujos gestos refletem um afeto social a cada dia maior, porém "de modo responsável para prevenir a flexibilização da moralidade sexual, haja visto que a ideologia de gênero é um problema das sociedades contemporâneas" (VAGGIONE, 2016, p. 306, tradução nossa).

Cabe aqui citar que, as igrejas contrarias citadas, não julgam apenas o comportamento homossexual e as "disforias de gênero" – transgêneros –, mas também oferecem tratamento para que essas pessoas voltem a ser 'normais' de acordo com as genitálias que lhes foram designadas no nascimento. César nos ilustra isso, apontando instituições, sobretudo neopentecostais, que pregam desde o celibato como tratamento, até aquelas que usam métodos desumanos, como castrações, terapias de aversão, choques elétricos e lobotomia (CÉSAR, 2015, p. 1552).

A igreja presbiteriana da Escócia, por exemplo, defende essas terapias de "cura gay", e não veem o que fazem como algo homofóbico ou desumano, mas sim como algo de importância para os seres considerados desviantes. Em um site da Igreja Presbiteriana Livre, que defende esse tipo de terapia, encontramos a seguinte citação, que ainda se insere em uma SDR2, ou seja, em um discurso abertamente autoritário:

> Aqueles que defendem a homossexualidade desconsideram os princípios morais vendo nossos escritos como prejudiciais, ou nos acusando de ter motivos maliciosos para criticar seus comportamentos. Nosso propósito, porém, é falar somente a verdade com amor (FPCHURCH, 2018, tradução nossa).

Essa percepção do LGBT como um ente maligno, só se torna claramente perceptível quando ocorrem tragédias, como a de Campinas/SP, quando Quelly da Silva, uma travesti, foi agredida até a morte e teve o seu coração arrancado. Em uma SDR2, onde o discurso autoritário que se impôs sobre o sujeito predispôs a sua ação, o assassino afirmou que: "Ele [a travesti] era um demônio, eu arranquei o coração dele. É isso. Não era meu conhecido. Conheci ele à meia-noite" (G1, 2019).

Agressões para com pessoas LGBTs são cotidianas e por vezes respaldadas em textos bíblicos, de raízes abraâmicas, que se enquadram dentro de uma SDR2. No texto de Levítico 20:13 é disposto que: "Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles"; e ainda em Levítico, 18:22, é apresentado que: "com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação. (...) Com nenhuma destas coisas vos contaminareis, porque com todas estas coisas se contaminaram as nações que eu lanço de diante de vós" (MONTALVÃO, 2009, p. 103).

Essa noção de que as práticas homoafetivas são abomináveis, é propagada de modo que os fiéis percebem os LGBTs como potenciais inimigos. Logo, não merecedores de direitos igualitários.

No Brasil, há um grande empenho das lideranças políticas religiosas em suprimir os direitos adquiridos pela comunidade LGBT. A, dita, Bancada da Bíblia, tem como viés principal uma luta pelos ideais tradicionais da sua concepção de família, ou seja, um núcleo cisgenero heterossexual formado pelo pai, mãe e filhos. Podemos destacar como líder dessa ideologia o Pastor e Deputado Federal, Marco Feliciano, que na já mencionada entrevista à Felipe Neto, dentro de uma SDR1, citou que a homossexualidade "é uma abominação, ou seja, a perversão da natureza como ela foi feita" (FELIPE NETO, 2016).

O poder político dessas pessoas, os possibilita a desumanização da figura do LGBT na sociedade, principalmente reforçando que a orientação sexual e a identidade de gênero deles é como uma condição enferma, logo que necessita de tratamento. Tal forma de pensamento fez com que no ano de 2017 houvesse uma mobilização, dentro de uma SDR1, para polemizar o campo politico e religioso, encabeçada por esses religiosos, para revogar a proibição das práticas de "cura gay" dentro do Conselho Federal de Psicologia, reenquadrando a homossexualidade e transgenereidade como doenças, mesmo tendo estas saído da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), da OMS, em 1992 e 2018, respectivamente (TEIXEIRA, 2014).

Esse repúdio cultivado pelos fiéis dessas religiões faz com que o simples fato de

relacionar LGBTs com figuras cristãs consagradas gere polêmicas homéricas. Muito famoso nas redes sociais, o Porta dos Fundos, canal de esquetes do YouTube, faz especiais de Natal que satirizam a história natalina. No ano de 2019, em parceria com a Netflix, o canal lançou o "Especial de Natal – A Primeira Tentação de Cristo", no qual brincava com o aniversário de Jesus e os conflitos de paternidade que seriam gerados (A PRIMEIRA..., 2019). Entretanto, o foco girava em torno da figura de Jesus que tentava apresentar seu namorado [homem] à família, criando uma polêmica, aqui resumida em SDR1.

Tal insinuação de uma homossexualidade de Jesus Cristo causou um ódio coletivo ao Porta dos Fundos. Pedidos de cancelamento do episódio na plataforma da Netflix, bem como, de retratação por parte da Direção do Canal, se fizeram frequentes. Foram relatadas, por parte dos integrantes do canal, inclusive, ameaças de morte. E o ápice ocorreu quando, em dezembro de 2019, a sede da produtora do Porta dos Fundos foi atacada com coquetéis molotov (GUIMARÃES; MARTINS, 2019).

Outro evento que repercutiu muito na mídia brasileira foi a peça teatral "O Evangelho Segundo Jesus Cristo, Rainha do Céu", da britânica Jo Clifford, no qual Jesus foi interpretado por uma atriz transgênero. A peça foi alvo de diversos processos, por parte dos cristãos conservadores no congresso brasileiro. Houve, inclusive, a condenação judicial da peça, mesmo sendo o Brasil, com base na Constituição de 1988, um Estado Laico. O Juiz de Direito Luiz Antonio de Campos Júnior, da 1ª Vara Cível da Comarca de Jundiaí, justificou a sua condenação, a partir de um discurso autoritário (ou SDR2) onde ele se põe como A Lei:

> De fato, **não se olvide da crença religiosa em nosso Estado, que tem JESUS CRISTO como o filho de DEUS, e em se permitindo uma peça em que este SAGRADO seja encenado como um travesti, a toda evidência, caracteriza-se ofensa a um sem número de pessoas**. Não se trata aqui de imposição a uma crença e nem tampouco a uma religiosidade. Cuida-se na verdade de impedir um ato desrespeitoso e de extremo mau gosto, que certamente maculará o sentimento do cidadão comum, avesso a esse estado de coisa (SILVA, 2019, p. 54-55, grifo da autora).

Outro momento histórico para a arte e cultura nacional, foi a censura ao *Queer* Museu, em Porto Alegre, uma exposição de arte exclusivamente LGBT. Como uma arte de objetivo ativista, as obras dessa exposição, sob curadoria de Gaudêncio Fidélis, tinham um potencial enorme de afeto ao status quo. Desse modo, baseando-se em filosofias moralistas neopentecostais, o Movimento Brasil Livre (MBL), organizou protestos contra a exposição por todo o país, e mobilizações com um sem-número nas mídias sociais, numa tipologia de SDR1. O poder alcançado por eles, gerou que o Queer Museu fosse encerrado um mês antes do previsto e sua replicação nos demais estados, podada (SANT'ANNA, 2017).

FIGURA 1 - "Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva", de Fernando Baril



Fonte: Autores (2022).

Eventos, como o anterior, reforçam a percepção de que a união da Bancada da Bíblia com grupos idealistas, iguais ao MBL, tornou a, nas últimas eleições, ainda mais poderosa. Este poder possibilitou que movimentos de afirmação de gênero e sexualidade fossem coibidos, quando não censurados. O que se viu, entre os anos de 2014 e 2020, não foi apenas uma censura à arte LGBT, mas sim à arte em geral. Pois ela, com seu potencial contestatório, afetou o pilar básico da nossa sociedade, a heteronormatividade (COLLING, 2019).

Apesar dos dispostos anteriormente, não podemos considerar as Igrejas como células singulares com ideais idênticos. Há dentro da área da teologia algo que César (2013) nomeia como “teologia inclusiva”. Isto é, uma interpretação dos textos “sagrados” de modo a encontrar minorias dentro deles, e razões para a sua existência desviante.

A Teologia Inclusiva pode ser visualizada como uma interpretação contemporânea dos textos bíblicos de modo a ressignificar passagens que incidam negativamente sobre minorias, ou seja, proporciona aos marginalizados - sejam eles LGBTs, mulheres, negros - uma maior identificação para com os textos sagrados do Cristianismo. Além disso, esse viés interpretativo desconsidera a noção de um Deus punitivo e o coloca em uma posição de acolhimento de seus servos e de entendimento dos seus pecados e falhas humanas (FERREIRA, 2014; CESAR 2013).

Esta Teologia Inclusiva pôde se ramificar dentro do protestantismo, de modo a interpretar os princípios da Bíblia, de maneira fraterna e desvinculada de moralismos tradicionais. Ferreira (2014) em seu estudo acerca da Teologia Inclusiva, dentro de uma congregação neo-pentecostal, aferiu que essa interação com o sagrado perpassa unir os dons do "Espírito Santo" aos talentos essenciais de cada indivíduo. Para ele, esse tipo de

comunidade religiosa baseada na teologia inclusiva

> [compõem] e [justificam] o seu direito à fé (cristã), a partir da Palavra de Deus como uma linguagem inclusiva. [Pois] A partir da linguagem e da simbologia o ser humano produz instrumentos de toda espécie imaginável que perpassam todos os aspectos de sua vida (FERREIRA, 2014, p. 6).

Assim, uma congregação, qualquer, que adote esse tipo de teologia "se constitui [como] uma igreja convencional como qualquer outra, tem um corpo de sacerdotes, uma doutrina, uma liturgia, etc., a quem se destina esse serviço religioso que não a descaracteriza de sua condição de igreja" (FERREIRA, 2014, p. 8).

César (2013), no entanto, cita a entrevista com Dom Robinson[4], que compreende grande parte dessa teologia inclusiva como fruto de releituras tórridas em forma de uma “pirueta teológica” (CÉSAR, 2013, p. 1843). Alguns autores, quando vão se referir a prováveis relacionamentos homossexuais dentro da bíblia, se pautam em traduções que deram a entender um provável amor homo-erótico (CASTILHO, 2016) dentro de um contexto histórico hostil, nos quais a simples sugestão de tais práticas de certo resultaria em morte.

3 ARMÁRIOS CRISTÃOS, NO PROFANO E NO [ESCRITO] SAGRADO

Apesar do reforço constante da figura do LGBT enquanto inferior, pecador e sodomita, há, nas religiões mencionadas no capítulo anterior, um homoerotismo velado em várias instâncias, desde aquele presente em obras de arte, até ao encontrado em passagens bíblicas. Esse “reforço” é expresso por meio da influência exercida pelas diferentes igrejas na vida cotidiana dos possíveis fiéis e religiosos desviantes. Assim, são gerados desde indivíduos frustrados sexualmente, até os caricatos "ex-gays".

Vídeos circulam pela internet, e se tornam memes, mostrando depoimentos de homens que se dizem ex-homossexuais e, suas falas, estão marcadas pelo preconceito e pelo desprezo por si mesmos. Canais televisivos, de viés sensacionalista, se aproveitam desses relatos para barganhar "migalhas de audiência". Em entrevista ao programa de Luciana Gimenez, *SuperPop*, algumas pessoas contaram os seus relatos de vida e como abandonaram a homossexualidade e transgenereidade.

Para um entrevistado, que se identificava como um ex-travesti, o que pode ser interpretado como uma SDR2, visto que o ambiente autoritário o fez acreditar que sua (des)transição de gênero se deu por vontade própria e não por imposição religiosa, isto fica claro na seguinte fala: "a mudança veio de mim. Eu quis essa mudança, porque eu estava

[4] Edward Robinson de Barros Cavalcanti - Dom Robinson, (1944-2012), foi um professor, escritor e fundador da Diocese Anglicana de Recife. Sua carreira, entre outras coisas, foi marcada por um posicionamento ferrenho contra os progressistas da Igreja Católica Apostólica Romana, da Anglicana e dos Espíritas Kardecistas, tendendo a se unir às Igrejas de viés evangélico e conservador.

passando por muitas coisas que não 'agrada'" (SUPERPOP, 2019a). Nesse viés, outro entrevistado aponta que "a mulher para se relacionar com um 'ex-travesti', tem que pensar muito bem, pois ela também vai sofrer essas agressões" (SUPERPOP, 2019a). Esses indivíduos foram destituídos de sua (homo)sexualidade e identidade de gênero, tendo como referencial o missionário Flávio Amaral, assumidamente "ex-travesti". Por se tratar de uma negação da realidade infligida por preconceitos de cunho religioso, há dentro das mídias sociais, um repúdio ferrenho por parte, não apenas, de membros da sigla LGBT a esses discursos de "conserto da transgeneridade". Um canal de ensino bíblico [que também crê na repressão da homossexualidade, dentro de um campo do autoritarismo mais velado, SDR2], por exemplo, nos comentários do vídeo disponibilizado pela RedeTV no YouTube, sobre "ex-gays" afirma:

> Por falta de conhecimento Bíblico o povo perece. Com certeza esses dois rapazes, novos convertidos, não foram discipulados e nem frequentam escola bíblica dominical. Falando uma heresia dessa, eles podem causar medo, depressão, suicídios e frustrações aos homossexuais que os ouvem e até a eles mesmos. A Bíblia não ensina que todo homossexual tem demônio e que depois de aceitar Jesus o "tal demônio do homossexualismo" vai embora e a pessoa fica "curada". A Bíblia ensina que o homem já nasce corrompido pelo pecado e tem uma natureza pecaminosa, Jesus ensinou que é do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicações, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. A influência maligna foi lá no Éden, quando o diabo através da desobediência do homem fez entrar o pecado no mundo (SUPERPOP, 2019b)

A fala de Flávio tenta despertar a comoção da audiência, ele alega ter enfrentado muitas enfermidades enquanto 'era' travesti, e que viu na Igreja uma saída: "com muito jejum e oração, eu conseguia controlar a minha carne" (AMARAL, 2019). Quanto ao desejo sexual por homens, ele alega que "[procurou] um médico para não cair em masturbação" (AMARAL, 2019). Ele conta que em sua vida enquanto uma pessoa transgênero, "[chegou] ao fundo do poço. Eu não conquistei nada que eu queria. Eu tava exatamente infeliz e insatisfeito com a minha vida" (AMARAL, 2019). Esse sentimento de não pertencimento ao coletivo é sofrido por muitas pessoas trans. Nesse sentido, Kaffer et. al (2016) pondera que grande parte das pessoas transgêneras periféricas, no contexto brasileiro, são privadas do convívio social, são excluídas das próprias famílias, das escolas e universidades e, assim, do mercado de trabalho. Tendo as suas existências fadadas à um papel de objeto sexual, dentro da prostituição.

Partido para uma questão de saúde física, Flavio cita que "estava com mais de 150 furúnculos no meu corpo, com dezenas de doenças venéreas, pesando 39kg, com a boca estourada de uma tacada de sinuca que levei em Brasília" (AMARAL, 2019). O destaque, feito

por nós, na fala de Flávio Amaral evidencia que ele sofria violências físicas também, que sua (re)existência, enquanto travesti, era coibida pela sociedade, e que a sua exposição constante às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) já eram aparentes fisicamente. Nesse viés, Ferreira et. al (2017), nos apresenta que essas pessoas não só enfrentam os mais variados tipos de agressões - quando em situação de rua e/ou de prostituição, como também, têm o seu acesso ao sistema público de saúde restringido, visto que muitos ao procurarem o SUS passam por um processo de “enfermização de suas existências”, ou seja, as suas identidades de gênero são vistas como a principal doença, e não o problema e saúde que as levou ao hospital.

Acerca do alcance e do (des)serviço que programas como o da Luciana Gimenez fazem ao dar visibilidade para movimentos repressivos de LGBTs, separamos um comentário de cunho polêmico (SDR1) cujo autor se defende após afirmar que a apresentadora, Luciana, seria uma má profissional: "(...) os assuntos não são o ponto aqui. O real problema é como ela ironiza o poder de Deus sobre a libertação desse homem, pois para Deus nada é impossível. Ela deveria ser mais aberta aos milagres, assim como é aberta às práticas do homossexualismo" (SUPERPOP, 2019b). Muitos LGBTs consideram que essa explanação de relatos de pessoas que se consideram "ex-gays", é muito danosa para a saúde mental de LGBTs, bem como para a aceitação destes na sociedade, visto que haveria uma forma de "conserto da sexualidade", caberia ao indivíduo se adaptar à cisheteronorma e, não, a sociedade aceitar seus desviantes de sexualidade e gênero.

Ainda sobre o fenômeno de gays que, dentro do ambiente protestante, afirmam ter regredido a sua homossexualidade, Gonçalves (2017) entende tal movimento como sendo resultado de fluxos discursivos dentro dessas religiões, que colocam a sexualidade como algo de controle direto do sujeito. Assim, o indivíduo crê que foi doutrinado para ser homossexual, logo, teria a capacidade de reprimir os seus desejos, ou seja, ser "desdoutrinado".

Nesse movimento de afirmação de uma identidade "ex-gay", cresce um fenômeno que coloca aquele que renunciou da sua sexualidade como um vencedor, alguém que teve força para superar a "sodomia" inerente a si, e criada por acasos traumáticos ao longo de sua infância (GONÇALVES, 2017). E, na análise de Jones e Yarhard (2019), é perceptível que os grupos de LGBTs que se sujeitam a essas práticas de "conserto" da sexualidade e da identidade de gênero, são aqueles que pertencem às classes sociais menos favorecidas, que e vêm unicamente na Igreja um conforto social, e precisam entretanto, se adequar a uma cisheteronorma para adentrar aquele espaço.

Em se tratando de LGBTs dentro de um espaço predominantemente católico, Martel (2019) explora, em sua pesquisa, com cinquenta seminaristas só em Roma e algumas dezenas pelo mundo, o comportamento de sacerdotes gays da Igreja Católica e como se dá a sua repressão mesmo em um regime celibatário.

Dito isso, Martel (2019), afeta diretamente a Igreja Católica ao esclarecer que ela tem consciência da sexualidade de seus sacerdotes, ou seja, a homossexualidade no ambiente analisado não é escondida. Todavia, é reprimida toda e qualquer manifestação de afirmação dessa sexualidade, o que Kappler, Hancock e Plante (2012) aferiram gerar, em certa medida, uma homofobia internalizada. Entretanto, o que não é permitido de forma alguma é a manifestação da heterossexualidade, ter relações com uma "rapariga" significa expulsão imediata (MARTEL, 2019).

No decorrer de sua obra, Martel (2019) traz a fala de um antigo seminarista de Zurique:

> no fundo, a Igreja preferiu sempre os padres gays aos padres heterossexuais. [...] Enquanto o celibato dos padres permanecer em vigor, um padre homo será sempre mais bem acolhido na Igreja do que um padre hétero. É uma realidade e a Igreja não pode fazer nada quanto a isso (MARTEL, 2019, p. 483).

A afirmação anterior é corroborada por haver um certo consenso entre os seminaristas entrevistados por Martel (2019) quanto a dificuldade de reprimir no ambiente católico uma homossexualidade, pois há nos seminários uma conexão que vai além de uma amizade ou companheirismo. Robert Mickens - um antigo seminarista - apresenta a Martel (2019) que "Tudo é homoerótico. A liturgia é homoerótica, os trajes são homoeróticos, os rapazes são homoeróticos" (MARTEL, 2019, p. 483).

FIGURA 2 - GUIDO RENI: Saint Sebastian, aproximadamente 1615. Musei di Strada Nuova.



Fonte: GUIDO... (n/d)

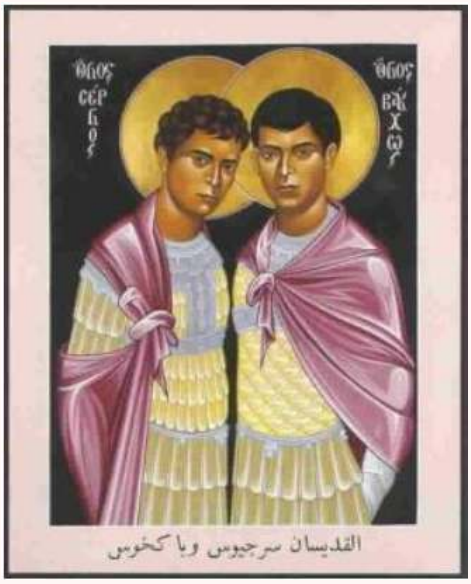
Apesar desse regime católico que usufrui de um carinho, quase, feminino e de uma tensão homoerótica, ainda na obra de Martel (2019), nos é apresentado que alguns seminaristas acabam se culpando ao ponto do autoflagelo. Isto, pois, consideram as suas sexualidades como maldições. Assim, esses indivíduos sofrem buscando por uma perfeição e salvação, que são intimamente opostas àquilo que desejam erótica e afetivamente (KAPPLER; HANCOCK; PLANTE, 2012).

As falas da Igreja para com esses indivíduos são sempre autoritárias, SDR2, e, na atualidade, o que mais reforça a importância da repressão é o onanismo, pois teme-se que os padres possam abusar dele para "[sonhar] com 'doces queimaduras' que são outros tantos sonhos de liberdade" (MARTEL, 2019, p. 846). Mesmo com esse cenário extremamente complexo, Martel (2019) apura que muitos se descobrem homossexuais justamente quando adentram o ambiente do sacerdócio que é homoerótico e estritamente masculino.

Neste viés, de homossexualidade dentro do ambiente católico, há algumas figuras santificadas pelo Alto Clero que, segundo estudos e especulações, seriam homossexuais ou teriam relações homoafetivas. É importante ressaltar que não é possível encontrar provas, devido ao tempo da morte dessas figuras. Assim sendo, o que os autores usam como justificativa são estereótipos de sexualidade.

Os santos com maiores evidências de serem homossexuais são Sérgio e Baco. A análise do historiador Boswell (1994), acerca da sexualidade dessas duas figuras foi muito bem recebida pela comunidade LGBT. Tendo, inclusive, o artista plástico Robert Lentz feito uma obra em homenagem à descoberta do historiador e a exposto na Parada do Orgulho Gay de Chicago, em 1994.

FIGURA 3 - ROBERT LENTZ: Saints Sergius and Bacchus, 1994. Coleção Particular.



Fonte: TRINITY... (n/d)

A narrativa dada a esses santos é muito significativa para quem se identifica como LGBT, mesmo tendo sido escrita 100 anos após a morte dessas figuras. Segundo Boswell (1994), Sérgio e Baco eram soldados romanos de alta patente, por volta de 425 d.C, e durante as suas viagens pela Europa, levavam consigo a doutrina cristã, a fim de catequizar fiéis por onde passavam. É importante frisar que durante esse período histórico houve uma perseguição intensa aos cristãos. Em uma viagem para o Oriente Médio, acompanhando o imperador Galério Maximiano, os dois soldados teriam se recusado a entrar em um templo de Júpiter para fazer uma oferenda. Tal posicionamento resultou que ambos fossem vestidos com roupas "femininas" e forçados a renegar o cristianismo, não o tendo feito, foram torturados e mortos.

Tal modo de execução e tortura, para Boswell (1994), deixa explícito que as práticas afetivo-sexuais dos dois soldados era reconhecida pelos seus companheiros de exército. Boswell (1994) ainda explicita que Sérgio e Baco teriam feito um antigo ritual de "irmandade", o qual simbolizava um vínculo afetivo permanente, servindo quase como um casamento tradicional.

Um afresco católico, datado do século VII, representa os bustos de Sérgio e Baco, com a cabeça de Jesus entre eles, imagem que nos remete à ideia de benção. Jesus na pintura faria o papel de 'dama de honra' no casamento dos dois santos, pois, segundo Boswell (1994) era comum na Roma Antiga colocar divindades abençoando uniões afetivas.

FIGURA 4 - Afresco dos santos Sérgio e Baco, datadas do século VII



Fonte: CHIESA... (n/d)

Há, no entanto, outros santos 'ditos' gays, porém não objetivamos nos aprofundar em suas histórias, pois há diversas lacunas que podem tornar este paper demasiado especulativo. Entretanto, citando de forma superficial, podemos destacar São Aelred de Rievaulx, São Sebastião e São John Henry Newman, que são mencionados na obra de Boswell (1994), porém de um modo mais vago. Apesar dessa falta de fatos na análise da

sexualidade dessas santidades, Luiz Mott, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e fundador do Grupo Gay da Bahia, disse, em entrevista à BBC News Brasil: "[essas histórias] mostram que é compatível ser gay e ser um herói da fé, e ser um bem-aventurado. Por isso é importante que haja católicos que defendem que houve santos homossexuais" (MOTT, 2020 - entrevista cedida à BBC).

Partindo para uma perspectiva religiosa mais ampla. Temos a Bíblia como um "manual" que estrutura muitos pensamentos e ideologias anti-LGBTs, entretanto há nela alguns trechos que abrem margem para uma interpretação de que se referem a relações homoafetivas e homoeróticas, mesmo, estas se tratando de escrituras com séculos de existência. Bethmont (2016), nomeia estes textos como "narrativas queer fragmentadas" (BETHMONT, 2016, p. 114, tradução nossa), pois dão poder a uma visão "gay-friendly" da tradição cristã.

É sabido que a gênese da escritura sagrada cristã se pauta em uma criação binária de todos os elementos da terra. A luz está em contraposição às trevas, a noite ao dia, o macho à fêmea, assim por diante. Nesse viés, tudo que foge a aquilo que foi desenhado pelo "criador" é interpretado como abominável e/ou errado. Porém, se calçando em uma teologia inclusiva, alguns estudiosos do ramo teológico apresentam leituras da Escritura com perspectivas múltiplas, que incluem uma variação sexual (BETHEMONT, 2016).

A partir da concepção de Tomassone (2012), consideramos como um fator de apresentação da homossexualidade na bíblia, aquilo que transpassa um grande significado de amor, mas que não é fértil, isto é, uma relação afetiva, quase, sexual entre pessoas do mesmo gênero. Exploraremos aqui, duas passagens onde há uma relação homoafetiva e homoerótica, são elas: o amor entre Jonathan e David e a "amizade" intensa entre Rute e Noemi. Para tal, faremos uso de textos de diferentes idiomas e datas de escrita.

Lings (2012) considera que esse posicionamento ferrenho contra os dissidentes de gênero e orientação sexual, se faz recente. Pois, em séculos anteriores, não havia uma presença ativa desses indivíduos na sociedade, sendo postos em lugares marginalizados ou se adaptando a sociedade, mascarando sua orientação sexual e gênero. Assim, para frisar esse repúdio, os cristãos tomaram atitudes incisivas. A esse respeito, Lings apresenta que: "a posição anti-gay no cristianismo é respaldada por diversas versões e dicionários da Bíblia. Tudo deixa bem claro que o Novo e Velho Testamento proíbem o homoerotismo" (LINGS, 2012, tradução nossa).

Em meio a uma história conflituosa, que envolve questões territoriais, familiares e religiosas, entre David - o responsável pela morte de Golias - e o Rei, tirano, Saul, nos é apresentado uma relação afetiva entre David e Jonathan, um soldado filho de Saul. Os dois se conhecem quando, com inveja da popularidade de David, o Rei Saul pede a Jonathan que mate David. O soldado, no entanto, ao invés de matá-lo torna-se amigo do inimigo de seu pai (BAXENDALE, 2018).

A Bíblia, no Primeiro Livro de Samuel, - escolhemos uma versão de 1850 -, descreve que a relação entre os dois, David e seu escolhido algoz, Jonathan crescera durante o conflito que veio posteriormente a depor o Rei Saul: “Jonathan e David fizeram alliança: porquanto Jonathan o amava como a sua própria alma. E Jonathan se tirou a capa, que trazia, e a deu a David: como também seus vestidos, até sua espada, e seu arco, e seu cinto" (1 SAMUEL 18: 3-4 apud TOMASSONE, 2012, p. 7, tradução nossa). Esta passagem pode passar despercebida para aquele que a lê sem esse viés homoerótico de interpretação. Todavia, pode se considerar, a partir da passagem lida que houve uma cessão tão grande por parte de Jonathan, que ele teria ficado nu como agradecimento ao 'amigo', e que eles, ainda "fizeram aliança", ou seja, deixa a entender que tenham consumado a aliança de uma forma mais carnal (CASTILHO, 2016).

Anteriormente, no mesmo livro, o Primeiro de Samuel, Tomassone (2012) nos traz uma Palavra que apresenta uma relação de interdependência entre David e Jonathan. Baseada em uma forte promessa da fidelidade, tal relação se mostra de desespero, por parte de David, quando há a possibilidade de que Jonathan morra. Então ele diz: "por que Jonathan foi morto nas colinas? Sinto angustia por tua causa, amigo meu; tu eras muito querido por mim e o seu amor era mais maravilhoso que o amor das mulheres” (1 SAMUEL 1: 25-26 apud TOMASSONE, 2012, p. 7, tradução nossa). A este trecho, podemos dar uma interpretação, no viés de o amor fraterno de Jonathan se fazer mais importante para David que o casamento com uma mulher e o sexo, provindo dele. Que este afeto aliado ao corpo e a presença de Jonathan supera, em todos os sentidos, estar com uma mulher, eroticamente falando.

Ainda sobre o primeiro Livro de Samuel, Baxendale (2018), introduz uma fala de David que reitera a relação afetiva entre os dois: "David levantou-se de um lugar ao sul, inclinou-se três vezes em direção a terra. E eles se beijaram; e eles choraram juntos, David foi o que mais chorou" (1 SAMUEL 20: 41 apud BAXENDALE, 2018, tradução nossa). Baxendale (2018) afirma, ainda, que não seria possível definir claramente a relação entre esses dois indivíduos, mas que os atos dos dois, apresentados na bíblia, apresentam que: “é evidente que a relação dos dois não é a de ‘melhores amigos’, mas claramente homoerótica, extremamente forte, leal, tocante e profundamente bonita" (idem).

Para Baxendale (2018) essa passagem é muito importante quando se analisa, de forma geral, os propósitos bíblicos. Isto, pois, o vilão na história é Saul, e não seu filho e enteado. Pelo contrário, a Bíblia saúda a relação dos dois como uma demonstração da vitória do bem sobre o mal.

FIGURA 5 - REMBRANDT VAN RIJN: David and Jonathan, 1642.



Fonte: Autores (2022).

Em se tratando de uma perspectiva lésbica da Bíblia, temos como destaque Rute e Noemi, a história delas, bem como, da maioria das santidades envolve uma luta pelo direito de ser cristão, de ter suas crenças e repudiar as dos demais. Como afirmativa da lesbiandade de Rute Tomassone (2012) destaca o seguinte: “Não me peça para ficar longe de ti, por que onde fores, eu também irei; e onde ficares, eu também ficarei; o teu povo será o meu povo e o teu Deus o meu Deus; onde quer que morras, eu também irei morrer e lá serei sepultada. Que o senhor me trate com o maior rigor se outra coisa me separar de ti!” (RUTE 1: 16-17).

Ao falar essas fortes palavras, “Onde quer que morras, ali serei sepultada” (tradução nossa), Ruth não está falando de um modo abstrato. Ela em sua fala, trata de uma possibilidade muito factível de que a decisão de se relacionar com Noemi poderia resultar em morte. Rute, no entanto, se consome por um amor que a mantém próxima de sua amada, algo irresponsável, porém clássico do "amor" (TOMASSONE, 2012). E, ainda em um trato íntimo com outras relações sagradas na bíblia, o ‘amor’ entre Rute e Noemi, se mostra de um modo que uma completa a outra, assim como Eva completou Adão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em caráter de conclusões finais, uma das problemáticas mais importantes a serem destacadas está na influência da igreja cristãs, sobre o Estado brasileiro. O poder que essas instituições detêm ditam como devem ser exercidas as vivências em sociedade, dos mais diferentes corpos ali condicionados. Há nisto uma questão, principalmente sobre LGBTs que os coloca sob uma moral cristã muito conveniente (MONTALVÃO, 2009) que considera apenas pontos específicos de textos antigos para condenar a existência alheia. O ser LGBT é

tido como um apêndice da sociedade, uma abominação indesejada que deve ser removida do convívio social, para não "contaminar as outras maçãs". Ou aquele que deve ser consertado por um poder divino (GONÇALVES, 2017).

Numa perspectiva implícita/escondida do erotismo nas religiões cristãs, podemos isolar as considerações de alguns seminaristas, trazidas por Martel (2009), onde há uma explicitação daquilo que o catolicismo tende a favorecer dentro do seu espectro de coisas que considera aceitável. A homoafetividade é algo notado e cultivado, por se tratar de um espaço estritamente masculino de cultuação de ídolos também masculinos. Assim, há um erotismo que vai desde a indumentária até as representações das santidades.

Dentro da arte católica, vemos a sexualidade nos corpos como algo divino, tudo aquilo que se refere a algo bom tende a seguir um viés de salubridade dos corpos, então em um molde análogo a arte grega, vemos o corpo esculpido como um símbolo de vida, de sagrado e de liderança. Os querubins nas fachadas das catedrais, as vias sacras, as esculturas e os quadros santos, tendem, sobretudo do final do Renascentismo em diante, a um reforço do belo como sacro (KAPPLER; HANCOCK; PLANTE, 2012). A sexualidade nas obras de artistas como Caravaggio, Guido Reni e Michelangelo; é algo explícito, são corpos divinos que despertam admiração, tesão e submissão, em uma época em que tais corpos não eram possíveis aos mortais, devido a fome e as "pestes".

E mesmo quando nos voltamos a uma perspectiva exclusivamente da literatura sagrada do cristianismo somos confrontados com escritos que sugerem piamente que há ali algo além de uma simples amizade. Alguns poderiam apontar como um erro de interpretação, mas é algo possível de se notar em diferentes idiomas. Assim, poderíamos que são trechos que deixam implícitas relações entre pessoas de mesmo sexo, talvez como mais uma oportunidade de identificação com os seus fiéis: "o amor que tu sentes pelo seu colega de mesmo gênero é forte como o que David sentia por Jonathan, mas não deve superar o seu compromisso com o seu Deus, que é o de consumar uma família" (BOSWEEL, 1994).

Dito isto, ocorre uma repressão total a tudo aquilo que possa correlacionar a existência cristã ao impuro e indigno que se tornou o "ser LGBT", quando dispusemos obras como “Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva”, do Fernando Baril, ou o caso de “O Evangelho Segundo Jesus Cristo Rainha do Céu” de Jo Clifford, onde há uma erotização proposital de figuras "sagradas"; estamos ilustrando que há nas obras uma vontade de irrupção daquilo que é considerado intocável; um afronte a algo que é colocado como mártir, mas que não é seguido, por conveniência – vide a entrevista de Marcos Feliciano cedida ao Felipe Neto. Essa simples aproximação do "desvio" de um gênero estipulado passa a ser considerado como uma ofensa a toda uma sociedade que compactua desses ideais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A PRIMEIRA tentação de Cristo. Direção: Rodrigo Van Der Put. São Paulo: Netflix, 2019. 1 filme (46min), sonoro, dublado, colorido.

AQUINO, Felipe. **ADI 5668**: uma nova ameaça da Ideologia de Gênero. Canção Nova – Formação. Lorena, 2017. Disponível em: https://formacao.cancaonova.com/atualidade/ideologiadegenero/uma-nova-ameaca-da-ideologia-de-genero/. Acesso em: 17 nov. 2020.

BAXENDALE, Toby. Same-sex relationship on the Bible ignored by many Christians. **Peter Tatchell Foundation**, Londres, 12 set. 2018. Disponível em: https://www.petertatchellfoundation.org/the-same-sex-relationship-in-the-bible-that-many-christians-ignore/. Acesso em: 05 jan. 2021.

BOSWELL, John. **Same-sex unions in premodern Europe**. Nova York: Vintage Books, 1994.

BUTLER, Judith. Judith Butler: the backlash against "gender ideology" must stop. **NewStatesman**, Reino Unido, 21 jan. 2019. Disponível em: https://www.newstatesman.com/2019/01/judith-butler-backlash-against-gender-ideology-must-stop. Acesso em: 07 dez. 2020.

BUTTURI JUNIOR, Atílio; SOZO, Jéssica Roberta. Uma análise de discurso sobre/da homossexualidade na imprensa online: o caso da posse de Marco Feliciano na CDHM. **Work. Pap. Linguíst.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 82-96, ago/dez. 2013.

CASTILHO, Pedro Henrique Mendes. **Um livro para ser entendido**. São Paulo: Editora Planeta, 2016.

CÉSAR, Marília de Camargo. **Entre a cruz e o arco-íris: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade**. Belo Horizonte: Editora Gutemberg, 2013.

CHIESA Cattedrale. Disponível em: https://www.ukr-parafia-roma.it/it/vita-dei-santi.html. Acesso em 5 jan. 2021.

COLLING, Leandro. A emergência e algumas características da cena artivista das dissidências sexuais e de gênero no Brasil da atualidade. *In*: COLLING, Leandro (org.). **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2019.

CRUZ, Luan da; TITO, Raphael de Paula. A Comunidade LGBT no Desdobramento da Língua Iorubá. *In*: **Cadernos do XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, n. 12. Rio de Janeiro: CiFEF, 2016.

EMEDIATO, Wander; FRANCO, Eduardo Assunção. Discurso Religioso, Argumentação e Cognição da Fé. *In*: MELO, Mônica Santos Souza (org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, p.197-217, 2017.

FELICIANO, Marco. **Felipe Neto e Marco Feliciano** - debate [+13], 05 jul. 2016. 1 video (46min 24s) Disponível em: https://youtu.be/td4s51ghmXE. Acesso em: 09 dez. 2020.

FERREIRA, Miriam Laboissiere de Carvalho. Homossexualidade e a teologia inclusiva: um estudo de caso da Igreja Athos & Vida. *In*: **Anais Eletrônicos do IV Congresso Internacional de História: Cultura, sociedade e poder**. Jataí: UFG, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France pronuncie le 2 décembre 1970. Tradução de Edmundo Cordeiro; António Bento. São Paulo: Ciberfil, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: Vontade de saber. 13ª edição. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FRANCESCO. Discorso del Santo Padre: XXI Giornatta Mondiale de la Gioventú. **Cattedrale di Cracovia**, Mercoledì, 27 luglio 2016. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160727_polonia-vescovi.html. Acesso em: 11 dez. 2020.

FREE presbeterian church of Scotland. Homossexuality. Escócia, The Free Presbyterian Magazine, 2018. Disponível em: https://www.fpchurch.org.uk/2018/03/homosexuality/#. Acesso em: 17 nov. 2020.

G1. Homem é preso em campinas após matar e guardar coração da vítima em casa. **G1**, São Paulo, 21 jan. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/21/homem-e-preso-em-campinas-apos-matar-e-guardar-coracao-da-vitima-em-casa.ghtml. Acesso em: 05 jan. 2021.

GONÇALVES, Alexandre Oviedo. Cura gay? Uma análise de narrativas públicas de indivíduos que se auto apresentam como ex-homossexuais. *In*: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**. Florianópolis, 2017.

GUIDO Reni. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Guido_Reni. Acesso em: 05 jan. 2021.

GUIMARÃES, Arthur; MARTINS, Marco Antônio. Produtora do Porta dos Fundos é alvo de ataque no rio. **G1**, Rio de Janeiro, 24 dez. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/24/produtora-do-porta-dos-fundos-e-alvo-de-ataque-no-rio.ghtml. Acesso em: 05 jan. 2021.

KAPPLER, Stephan; HANCOCK, Kristin A; PLANTE, Thomas G. **Roman catholic gay priests**: internalized homophobia, sexual identity, and psychological well-being. New York, Springer Science+Business Media, 2012.

LINGS, Kjeld Renato. Homoeroticism & the bible: time for a fresh approach. **World Student Christian Federation Europe Region**, 10 abr. 2012. Disponível em: http://wscf-europe.org/mozaik-issues/homoeroticism-and-the-bible-time-for-a-fresh-approach/. Acesso em 05 jan. 2021.

MONTALVãO, Sérgio Aguiar. **A homossexualidade na bíblia hebraica**: um estudo sobre a prostituição sagrada no antigo oriente médio. 2009. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. rev. E aum. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PECHÊUX, Michel. **Language, semantics and ideology**: stating the obvious. Traduzido por: Harbans Nagpal. Londres: The Macmillan Press LTD, 1984.

SANT'ANNA, Tiago. **"Queermuseu"**: A apropriação que acabou em censura. LeMonde Diplomatique Brasil, São Paulo, 18 set. 2017. Disponível em: https://diplomatique.org.br/queermuseu-a-apropriacao-que-acabou-em-censura. Acesso em: 14 dez. 2020.

SANTOS, M. S. **Tradição e tabu**: um estudo sobre gênero e sexualidade nas religiões afro-brasileiras. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Antropologia) – Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC, São Paulo, 2007.

SILVA, Janaína Bento. **"E se Jesus voltasse nos dias de hoje como uma travesti?"**: Arte, censura e direitos humanos no Brasil. 2019. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SUPERPOP. **"Homossexuais são espíritos malignos", fala ex-gay sobre a salvação divina**, 25 jul. 2019a. 1 vídeo (3min 44s). Disponível em: https://youtu.be/1jBgsQOymKw. Acesso em: 05 jan. 2021.

SUPERPOP. **"Muito jejum e oração", diz missionário que deixou de ser homossexual**, 25 jul. 2019b. 1 vídeo (4min 32s). Disponível em: https://youtu.be/5jepum7lSuA. Acesso em: 05 jan. 2021.

TEIXEIRA, N.B.V. **"Cura gay é o meu caralho!"**: a normalização da homossexualidade e a Resolução CFP 1/99. 2014. 174 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. Teoria da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1085-1106, set./dez. 2018.

TRINITY Stores Religious Artwork & Icons. Disponível em: https://www.trinitystores.com/artwork/sts-sergius-and-bacchus. Acesso em 05 jan. 2021.

TSAI, Wan-Hsiu Sunny. **What does it mean to be gay in american consumer culture? Gay advertising and gay consumers**: a cultural studies perspective. 2006. 346 f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - University of Texas, Austin, 2006.

VAGGIONE, Juan Marco. Francis and "Gender Ideology": Herintage, Displacement and Continuities. **Religion & Gender**, Países Baixos, v. 6, p. 302-307, 2016.

Recebido em 15/05/2022
Aceito em 20/06/2022